UMA ETNOGRAFIA DA PRÁTICA DE FABRICAÇÃO DE MATAPI POR RIBEIRINHOS DA AMAZÔNIA

Rosenildo da Costa Pereira[1]

Resumo: O estudo aborda a produção de matapi no município de Abaetetuba, no Estado do Pará, cujo recorte gira em torno da Comunidade ribeirinha São João Batista ou Assentamento São João Batista, onde em pesquisa realizada com os moradores locais percebeu-se que um número considerável de famílias utiliza a produção de matapi como forma de sobrevivência e renda. Trabalho este que exige habilidades variadas para a confecção deste apetrecho utilizado nas atividades pesqueira do Assentamento.
Palavras-chave: ribeirinhos; produção de matapi; trabalho familiar.

AN ETHNOGRAPHY OF MATAPI MANUFACTURING PRACTICE BY AMAZONIAN RIVERS

Abstract: The study deals with the production of matapi in the municipality of Abaetetuba, in the State of Pará. The study focuses on the community of São João Batista or São João Batista settlement, where in a survey carried out with local residents it was noticed that a considerable number of families uses the production of matapi as a form of survival and income. This work requires a variety of skills for the construction of this equipment used in the fishing activities of the Settlement.
Keywords: coastal; production matapi; family labor.

INTRODUÇÃO

Pesquisar modos de vidas de populações tradicionais da Amazônia é compreender que diversos tipos de trabalhos são praticados todos os dias por estas comunidades, considerando o ambiente onde estão inseridos. Seus modos de vidas são constituídos na e dentro da natureza pelo processo de relação homem/ambiente.

Nesta perspectiva de análise, o texto aqui apresentado é resultado de uma pesquisa desenvolvida com ribeirinhos do município de Abaetetuba, Estado do Pará, que evidenciou como se dá a produção de matapi pelos moradores ribeirinhos do Assentamento São João Batista no referido município.

Trata-se de uma pesquisa etnográfica, que busca detalhar o processo de fabricação de matapi, enfatizando as várias etapas de produção. O estudo traz ainda relatos de moradores produtores desta forma de produção familiar, que envolve desde os pais aos filhos e, inclusive, netos.

Para a condução do estudo empreendeu-se a pesquisa de campo, apoiando-se na

[1] Doutorando em Antropologia pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Mestre em Educação pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). Especialista em Educação do Campo pela UFPA. Graduado em Pedagogia pela UFPA.

entrevista não estruturadas, ou seja, conversas informais e observações no local da confecção que buscou compreender como se dá esta produção no Assentamento.

A ETNOGRAFIA COMO INSTRUMENTO DE DESCRIÇÃO DA REALIDADE

A Antropologia tem contribuído sobremaneira para as pesquisas com populações tradicionais, principalmente para registrar os modos de vidas desses sujeitos. A etnografia como técnica de investigação da antropologia tem justamente o importante papel de auxiliar o pesquisador em como observar, extrair e sistematizar as informações coletadas em campo. Uma das orientações desta técnica visa que nós enquanto pesquisadores "só nos podemos familiarizar através de um contato muito estreito com os nativos durante um longo período de tempo" (MALINOWSKY, 1978, p. 27).

No caso particular desta pesquisa, o resultado demonstrará como a própria antropologia demanda de uma demorada vivência em campo, os dados representam o "resultado de experiências vividas" (MALINOWSKY, 1978, p. 25). Minha vivência em campo, ou seja, local onde esta pesquisa foi desenvolvida, remonta há 33 anos.

Desde quando nasci moro no Assentamento São João Batista - Ilha de Campompema, as experiências de campo associado ao conhecimento adquirido na academia de um pesquisador Doutorando em Antropologia da Universidade Federal do Pará (UFPA) que tem muito a contribuir com as pesquisas relacionadas ao cotidiano de homens e mulheres de territórios de povos e comunidades tradicionais, sobretudo do espaço Amazônico brasileiro. Trata-se de uma pesquisa conduzida a partir do território e por um pesquisador que está inserido nesse próprio território.

Nas pesquisas de cunho etnográfico, com povos e comunidades tradicionais é muito importante que o pesquisador observe todos os processos que ocorrem no entorno do local de pesquisa. Neste sentido, não basta apenas está de posse de instrumentos de coleta de dados, mas está atento para os fatos que acontecem no cotidiano dos sujeitos pesquisados, considerando que,

> Há uma série de fenômenos de suma importância que de forma alguma podem ser registrados apenas com o auxílio de questionários ou documentos estatísticos, mas devem ser observados em sua plena realidade. A esses fenômenos podemos dar o nome de *os imponderáveis da vida real.* Pertencem a essa classe de fenômenos: a rotina do trabalho diário do nativo; os detalhes de seus cuidados corporais; o modo como prepara a comida e se alimenta; o tom das conversas e da vida social ao redor das fogueiras; a existência de hostilidade ou de fortes laços de amizade, as simpatias ou aversões momentâneas entre as pessoas; a maneira sutil, porém inconfundível, como a vaidade e a ambição pessoal se refletem no comportamento de um indivíduo e nas reações emocionais daqueles que o cercam (MALINOWSKY, 1978, p. 29).

Malinowsky (1978) chama nossa atenção para o fato de que a pesquisa de campo requer vivência *in loco*, ou seja, é preciso que o pesquisador conheça a realidade de forma mais ampla, a fim de perceber e presenciar as formas de relações sociais estabelecidas no dia-a-dia pelos sujeitos, tendo assim uma compreensão da totalidade dos fatos observados, coisas que o questionário e os dados estatísticos não permitem que o pesquisador perceba.

Nesta pesquisa realizada, seguimos os princípios de Malinowsky (1978), pois estou há muito tempo em campo (33 anos), vivenciando todos os dias a forma de como o instrumento de pesca matapi é produzido pelos ribeirinhos da ilha Campompema, município de Abaetetuba, Estado do Pará, além de ter usado instrumentos como: celular Nokia X5 para fazer o registro fotográfico da atividade quanto para coletar os relatos orais, questionário e entrevistas com os próprios moradores locais.

Usamos também como suporte metodológico a trena métrica para registrar e mapear o comprimento de todas as talas: do cilindro, do funil, e a espessura das mesmas e diâmetro do cilindro. Todas essas medidas foram registradas em caderno e posteriormente foi sistematizado em forma de texto.

A produção deste texto etnográfico, portanto, está na mesma direção de pensamento de um bom texto defendido por Oliveira (2000) quando afirma que,

> Entendo que para se elaborar o bom texto etnográfico, devem-se pensar as condições de sua produção a partir das etapas iniciais da obtenção dos dados – o olhar e o ouvir –, o que não quer dizer que ele deva emaranhar-se na subjetividade do autor/pesquisador (OLIVEIRA, 2000, p. 31).

Assim, este texto é fruto de experiência de pesquisa *in loco*, onde pudemos observar, registrar e escutar os nossos interlocutores, considerando a proposição de Oliveira (2000) quando afirma que na pesquisa etnográfica deve-se seguir os princípios do olhar e ouvir. Este estudo cumpriu essas exigências, uma vez que observamos e escutamos os sujeitos interlocutores da pesquisa. Os relatos orais e as fotos inseridas no corpo do texto são provas vivas da experiência e vivência em campo, "através de observações detalhadas e minuciosas que só são possíveis através do contato íntimo com a vida nativa" (MALINOWSKY, 1978, p. 33).

Esclarecemos que as descrições das entrevistas que aparecem com data de 2015 é porque ela foi realizada neste mesmo ano por ocasião da minha dissertação de mestrado em educação apresentada na Universidade do Estado do Pará (UEPA), Programa de Pós-Graduação em Educação. A entrevista foi executada em campo, mas não foi possível naquele momento usa-la na dissertação. No momento estamos fazendo uso dela para produzir este artigo exclusivamente falando do processo de construção do matapi por ribeirinhos da ilha Campompema, município de

Abaetetuba-Pará.

Coletamos, neste estudo, os relatos orais de três interlocutores tecedores de matapi da localidade de Campompema. Os nomes estão nomeados de maneira fictícia, visando a *priori* não identificar os sujeitos informantes.

O CONTEXTO DA PESQUISA

O Assentamento São João Batista - Ilha Campompema (figura 1), situa-se no município de Abaetetuba, no Estado do Pará. É uma das 72 ilhas presente no contexto da realidade da cidade local.

Figura 1 - Mapa de Localização das Ilhas de Abaetetuba

Fonte: Paróquia das Ilhas de Abaetetuba (2007) apud Formigosa (2015). A seta branca que aparece no mapa foi uma adaptação criada pelo autor para indicar a ilha Campompema no município de Abaetetuba.

Configura-se pela existência de múltiplas formas de fazeres e saberes de homens e mulheres que no cotidiano usam como instrumentos de sobrevivência e renda. São tantas formas de trabalhos que só com estudo bastante aprofundado e com tempo prolongado poder-se-ia tentar registrar essas atividades, uma vez que a cada momento histórico eles acabam se reconfigurando.

Estudo realizado por Cardoso (2018) que resultou no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Educação do Campo, habilitação em ciências naturais (Química, Física e Biologia) da Faculdade de Educação e Desenvolvimento do Campo (FADECAM) da Universidade Federal do Pará (UFPA) demonstra que existem no Assentamento São João Batista 370 famílias, sendo que,

> Os meios de sobrevivência de grande visibilidade destas famílias são basicamente o artesanato, que é caracterizado pela produção de matapi, crochê, rede de pesca, paneiro, tipiti... Ainda, na área da agricultura familiar, desenvolvem o cultivo de plantações do tipo: açaí, manga, miriti, jambo e plantas medicinais, bem como a criação de pequenos animais como: o porco, a galinha, o pato etc (PEREIRA, 2014, p. 147).

Nossa intenção, neste primeiro momento, não é debruçar-se em analisar todas as formas de trabalhos dos moradores locais, mas em pesquisar de forma particular o trabalho de tecelões de matapi, tendo em vista que na comunidade "a produção do artesanato de Matapi é bastante forte e realizado por 80% das famílias que moram na mesma" (CARDOSO, 2018, p. 16).

Na próxima sessão trataremos especificamente de etnografar como moradores ribeirinhos de Abaetetuba-Pa, executam o trabalho de confecção de matapi e todo seus desdobramentos de manuseio com a matéria-prima e com os instrumentos do qual fazem uso no momento da sua produção.

OS SABERES QUE ENVOLVEM O CONFECCIONAR O MATAPI: A PREPARAÇÃO DA MATÉRIA PRIMA E O PROCESSO DE FABRICAÇÃO

As populações tradicionais da Amazônia desenvolvem no cotidiano uma infinidade de atividades que surgem como forma de apropriação e uso do meio ambiente do qual mantenham contato cotidianamente por meio do trabalho que executam nestes espaços.

Muitas dessas atividades são frutos de necessidades que o homem tem, seja para capturar animais de ambientes terrestres, bem como de ambientes aquáticos, seja para plantar, manejar e cuidar de forma a não degradar o território do qual depende todos os dias.

Nesta relação de afazeres do dia-a-dia esses sujeitos ao observar o ambiente de trabalho vão criando mecanismos de adaptação e armadilhas que os possibilitem em obter diferentes formas de renda. Podemos mencionar, por exemplo, os variados tipos de instrumentos pesqueiros

existentes hoje na realidade do espaço Amazônico brasileiro. Por isso, é evidente a "necessidade de se redescobrir as organizações sociais, as relações e processos destas populações amazônicas em seu cotidiano, ainda tão pouco estudados sob o olhar antropológico;" (FURTADO, 1993, p. 38).

Nesta perspectiva nos detemos neste texto em aprofundar o estudo na análise do processo de fabricação da armadilha matapi pelos ribeirinhos da ilha Campompema-Abaetetuba-Pará, que usam este instrumento de trabalho como forma de renda e como mecanismo de pesca usado pelos moradores locais para capturar o crustáceo camarão (*Macrobrachium amazonicum).*

O matapi "Trata-se de uma armadilha em forma de cilindro... pois é fechada por dois cones, sendo que cada lado contém uma abertura em forma de funil para que o camarão entre e não e não consiga sair" (MORAES, 2005, p. 64-65).

Fazer/produzir/confeccionar o matapi, um dos instrumentos usados na pesca artesanal, requer algumas habilidades básicas de quem o produz. Na especificidade da Ilha Campompema os ribeirinhos produtores de matapi "compram" toda a matéria prima necessária a sua confecção na cidade e/ou de outros ribeirinhos de uma das 72 ilhas de Abaetetuba, além das cordas torcidas de polietileno e fibras plásticas adquiridas no comércio local que substitui o cipó-titica[2] (Heteropsis spp. Kunth), antigamente utilizado para fazer o tecimento, isto é, a união das talas do corpo, do funil e da tampa/boca (abertura do cilindro de retirada do camarão e da inserção da puqueca[3]) no matapi.

A retirada excessiva do cipó-titica da natureza ocasionou a extinção desta matéria-prima usada durante muito tempo para se fazer a união de todas as talas que compõem o apetrecho matapi. Esta extinção provocou mudança em parte do material usado na confecção do apetrecho como considera o ribeirinho Assentamento "Por que antigamente se utilizava o cipó hoje se utiliza a fibra" (Entrevistado Mário, 2015). O mesmo relato é compartilhado por (Entrevistado José, 2015) "Muitos ainda é no nosso próprio mato né, mas muitos já é comprado, já não tem mais, já não existe mais na nossa localidade".

É importante esclarecer que no território da ilha Campompema não existe relato de que tinha esta matéria-prima (cipó-titica) ali. O que se sabe é que os moradores produtores de matapi sempre compraram este material de moradores de outras ilhas e até mesmo de viajantes de outras cidades do Estado do Pará.

Quanto ao processo de fabricação de matapi, seguem-se duas etapas e cada uma delas se

[2] "O titica é um cipó hemi-epífito, ou seja, germina no chão e sobe para a copa das árvores onde a planta-mãe do cipó se estabelece" (WALLACE, PEREIRA e PLOWDEN, 2010, p. 79).
[3] A puqueca é uma espécie de isca utilizada para atrair o camarão para dentro do matapi.

subdivide em quatro outras etapas. A saber: etapa de preparação da matéria-prima e do tecimento[4] do matapi.

A) A etapa de preparação da matéria-prima compõem-se de:

- Desbuchar[5] ou limpar a tala;
- Quebra as talas do pano, do funil e da tampa;
- Apontar a tala do funil[6] (nesta etapa é necessário que as pontas fiquem desproporcional, uma vez que o funil depois de pronta fica em forma de cone);
- Preparar o arco de estachama/garachama[7].

B) A etapa de tecimento é composta de:

- Tecer o pano[8], o funil e a tampa;
- Formar o cilindro e o funil (em forma de cone);
- Introduzir os arcos[9] de garachama no cilindro;
- Fazer a conexão das partes do matapi por meio de fibra plástica (conexão entre pano, funil e tampa).

Quando de posse de toda a matéria-prima o ribeirinho tecelão começa a utilizar técnicas necessárias a sua confecção. O primeiro processo é **desbuchar a tala**, deixando-a numa espessura em que fique leve e de fácil utilização durante todo o processo de construção do matapi. Além de fazer com que o produto final (matapi) não vá para o fundo, uma vez que a bucha[10] da tala absorve a água e, consequentemente aumentará o peso do mesmo.

[4] É o processo de junção/amarração das talas feito por meio de um trançado que prende uma tala a outra.
[5] É a retirada de uma espécie de resíduo que fica sobre a tala por ocasião da extração feita da fibra da palmeira de jupati (*Raphia taedigera*).
[6] O funil é a parte que liga o tronco de cone ao cilindro do matapi, ou seja, fecha as duas extremidades do cilindro.
[7] Trata-se de um cipó com espessura grossa. Utilizado para se fazer os arcos que ficam depois de pronto em forma de círculos. Esta matéria-prima é possível de se encontrar no Assentamento. Inclusive os ribeirinhos produtores de matapi fazem uso dela.
[8] É a parte maior do matapi. O pano/corpo são todas as talas tecidas do cilindro do matapi.
[9] São os círculos produzidos da matéria-prima cipó, denominado pelos ribeirinhos de estachama/garachama.
[10] É o resíduo da palmeira do jupati que fica sobre as talas quando da sua extração. Ela é retirada pelo processo de desbuchagem.

Figura 2 – Ribeirinho artesão fazendo a desbuchagem da tela

Fonte: acervo fotográfico de Rosenildo da Costa Pereira, 2015

Na sucessão do processo **quebra-se primeiro a tala do cilindro** (corpo/pano) do matapi em um único tamanho, a qual aparece depois dele pronto no formato de cilindro e é considerada a sua maior parte. Considerando que "Os matapis... são confeccionados com finas varetas da tala das palmeiras jupati (*Raphia taedigera*)" (ARAÚJO et al, 2014, p. 104).

Figura 3 - Ribeirinho artesão quebrando a tala do corpo do matapi

Fonte: acervo fotográfico de Rosenildo da Costa Pereira, 2015

Para se fazer o corpo/pano do matapi são usadas aproximadamente de 40 a 45 talas, cujo tamanho padrão é de 48 centímetros de comprimento por 0,5 a 1,5 centímetros de largura. Depois de fechado o cilindro, este forma um diâmetro de 65 centímetros. O espaçamento entre talas variou de 0,3 a 0,5 centímetros. Esta medida foi retirada com o auxílio de uma trena métrica

de um conjunto de 10 matapis já confeccionados por um ribeirinho do Assentamento, no próprio local de produção.

Cada família de ribeirinho tecelão de matapi usa um tamanho padrão para confecciona-lo, por isso que as talas do funil, corpo e tampa segue o mesmo tamanho em termos de comprimento.

Realizado este processo, dão continuidade, quebrando as talas que formam o **funil**. Local por onde o camarão entra no matapi. Não basta nesta etapa somente quebrar as talas, mas torná-la de um lado mais fina que de outro, ou seja, deixando-as desproporcional, uma vez que o funil precisa ficar no formato de um cone, na medida em que "para a produção do funil que utilizamos um apontador de madeira para apontarmos e darmos formas da tala e começamos a tecer o funil" (Entrevistado Mário, 2015).

Figura 4 - Preparação da tala do funil

Figura 5 - Tala do funil desproporcional

Fonte: acervo fotográfico de Rosenildo da Costa Pereira, 2015

No funil são usadas aproximadamente o mesmo quantitativo de talas empregadas no corpo/pano do mesmo, mas com tamanho inferior por se tratar de uma parte menor do matapi. As talas deles medem 21 centímetros de comprimento, a largura equipara ao do cilindro, uma vez que parte das talas dos funis são os pedaços menores que sobram da tala usada na confecção do pano. Vale ressaltar que os funis quando presos (conectados) ao cilindro, as duas de suas extremidades menores se distancia 10 centímetros uma em relação a outra, considerando que o cilindro é "fechado nas bases por um tronco de cone circular reto, com base menor voltada para o interior do cilindro" (ARAÚJO et al, 2014, p. 104)

Para se produzir **os arcos** o ribeirinho tecelão deixa a estachama/garachama por alguns dias exposto a água a fim de que ela fique mais flexível no momento da sua utilização, tendo em

vista que ele será cortado a um tamanho de 72 centímetros de comprimento e posteriormente dobrado até ficar em forma de um círculo. São retiradas duas fatias em sentidos opostos da ponta da estachama que visa depois de dobrado unir as duas pontas e esta é amarrada com a fibra plástica.

As talas que são usadas como **boca/tampa do matapi** parte delas são o resto das varetas que sobram tanto do corpo como do funil. Em média tem 13,5 centímetros de comprimentos e são utilizadas de 5 a 7 varetas. São unidas/amarradas por duas fibras plásticas nas duas de suas extremidades.

Essas são basicamente as etapas de preparação da matéria prima. Feito isto, passa-se para a etapa posterior. Neste caso, a união entre as talas para se construir o matapi propriamente dito.

O ribeirinho artesão começa a **tecer o matapi** pelo que chama de pano ou em outras palavras, o corpo do mesmo (cilindro). É a parte que une a tala por meio de quatro tessumes[11] distribuídos dentro do cilindro. Um em cada extremidade e os outros dois divididos de forma igual no meio do pano, no qual atualmente utilizam corda de polietileno torcida, antes se tecia com o cipó-titica. Araújo et al (2014, p. 104) afirmam que "Para amarração das varetas os pescadores utilizam cipó e/ou fitilho plástico de polipropileno e/ou corda torcida de polietileno"

No próprio dizer do ribeirinho (Entrevistado Mário, 2015) tecelão se observa essa mudança ao mencionar que "antigamente se utilizava o cipó hoje se utiliza a fibra". Ao terminar esse processo fecham-se o pano do matapi, deixando-o em formato de cilindro.

Figura 6 - Tecimento do corpo do matapi

Figura 7 - Fechamento do corpo do matapi

Fonte: acervo fotográfico de Rosenildo da Costa Pereira, 2015

[11] É o processo em que as talas são unidas por meio de fibras plásticas adquirida na feira do comércio local. Antes se utilizava o cipó-titica oriundo da própria mata.

Ainda na parte do tessume, continuam com a etapa do tecimento do funil do matapi. Nesta etapa, trata-se de unir as talas com três amarrações, sendo uma com corda de polietileno na abertura maior a qual é conectada ao pano e duas fibras plásticas na parte inferior. O que muda é que no funil se utiliza de três amarrações, diferente do pano que é com quatro. Concluído o tecimento se unem os dois lados, deixando em formato de cone.

Figura 8 - Tecimento do funil

Figura 9 - Funil em forma de cone

Fonte: acervo fotográfico de Rosenildo da Costa Pereira, 2015

Rosenildo da Costa Pereira

A próxima etapa da confecção do matapi se caracteriza em colocar/introduzir quatro **arcos**, produzido a partir de estachama (garachama), produto oriundo da natureza, no corpo do mesmo, em forma também de cilindro. No mesmo local onde estão os quatro tecimentos. Ao introduzir os arcos (círculo feito com pedaço de estachama) como chamam, apenas os dois arcos que estão no centro do matapi é que inicialmente são apreendidos junto à tala do corpo por meio de caseamentos feito com fibras plásticas.

Figura 10 - Introdução da estachama (arco)

Figura 11 - Caseamento da estachama (arco) do meio do matapi

Fonte: acervo fotográfico de Rosenildo da Costa Pereira, 2015

Depois de pronto o pano, o funil e a tampa se faz a **conexão** entre essas partes. Em outras palavras, o funil e a tampa são conectados ao pano e caseado por meio de fibra adquirida no comércio da cidade local. Os arcos introduzidos nas duas extremidades do apetrecho são nesse momento caseados junto ao funil e cilindro.

Figura 12 - Conexão do pano com o funil

Fonte: acervo fotográfico de Rosenildo da Costa Pereira, 2015

A fase final da confecção é inserção do **adereço boca/tampa**, local que serve tanto para colocar a puqueca, quanto para retirar o camarão. Esta parte do apetrecho é "popularmente conhecida por "boca" ou "porta", onde é colocada a isca para atrair os camarões e por onde eles são retirados no momento da despesca" (ARAÚJO et al, 2014, p. 104). Nesse sentido, pode-se compreender como se dá todo processo de fabricação do matapi, conhecendo desde quando se adquiri a matéria-prima, até ao seu preparo e confecção do produto final, o matapi.

Figura 13 - Introdução do adereço boca

Fonte: acervo fotográfico de Rosenildo da Costa Pereira, 2015

Sintetizando a produção de matapi no Assentamento São João Batista-Ilha Campompema, traz-se a fala de um dos ribeirinhos artesãos entrevistado sobre como o faz para torná-lo produto acabado.

> Para a fabricação de matapi nós utilizamos a tala de jupati que são retiradas nas matas. A fabricação em si temos que comprar essas tala dos tiradores então como começamos a fabricação, retirando a bucha da tala depois passamos para o processo de quebração das mesmas tanto para a produção do pano quanto do funil. Com isso, começamos a tecer o pano do matapi depois fechamos o mesmo e colocamos o arco para dar a forma redondada. Com isso, passamos para o processo de casiamento do pano do meio. Passamos para a produção do funil que utilizamos um apontador de madeira para apontarmos e darmos formas da tala e começamos a tecer o funil. Depois de pronto o funil começamos a casialo no matapi e com isso o matapi já estar quase acabado só faltando à tampa que é a última etapa do matapi (Entrevistado Mário, 2015).

O fluxograma da confecção do matapi como afirma o entrevistado acima, segue passos específicos, como se observa na demonstração do próprio ribeirinho entrevistado que nos permitiu tirar fotos de todo processo de preparação do material e da forma de manuseio e confecção do instrumento matapi. A ilustração acima apresenta os passos necessários para se obter esse importante material de pesca.

É importante destacar que a família como um todo está envolvida na construção do matapi. Todos sabem o processo como um todo, caracterizando que o trabalho neste Assentamento é apreendido na perspectiva defendida por Marx, segundo Pereira (2015) de forma Onilateral, do conhecimento de todas as etapas de produção. O próprio dizer do ribeirinho entrevistado (Entrevistado Júlio, 2015) confirma que todos os membros da família participam do processo, uma vez que “a minha esposa que é profissional nisso aí, ela faz, é meu filho também faz, eu ajudo eles”.

Os instrumentos de uso para ptroduzir o matapi são basicamente à faca bem amolada, de modo que ela precisa retirar as buchas das talas, cortar a corda de polietileno, as fibras plásticas de caseamentos, as talas e o terçado para cortar a estachama, tendo em vista que se trata de um cipó natural resistente.

O resultado deste trabalho (o matapi pronto, acabado) é vendido a um valor simbólico de 08 reais na feira do comércio local, no próprio Assentamento e parte dos matapis confeccionados são levados por viajantes para ser comercializado no Estado do Amazonas. Este é o valor de um emaranhado de saberes constituído a partir da produção deste instrumento de trabalho pesqueiro.

O matapi no Assentamento tem um tamanho padrão, mas dependendo de quem for comprar este pode ser menor ou maior. Quem faz a encomenda é quem decide. Mas os ribeirinhos produtores de matapi usam o tamanho padrão, uma vez que já tem as medidas prontas para preparar as talas do corpo, do funil e a tampa da boca.

Outro detalhe importante em relação às técnicas de produzir o matapi é a forma como esses ensinamentos são transmitidos dos mais velhos, ou mais experientes (pais, tios, avôs) aos jovens e as crianças. O relato de um interlocutor da pesquisa mostra como ele aprendeu a fazer o matapi "A origem foi... nós aprendemos a fazer o matapi com o papai, papai, mamãe. Eles faziam e nós aprendemos com eles e agora agente está repassando pro nossos filhos, pro nossos vizinhos que muitos já aprenderam com nós" (Entrevistado José, 2015).

O presenciar dos filhos desde criança sobre o trabalho dos pais é que tornam as primeiras formas de aprendizados, do observar o outro. Isto bem antes da iniciativa de a criança começar a confecção de fato o material pesqueiro, que neste caso podemos chamar de segundo passo para sua execução. De acordo com Souza (2011, p. 123-124):

> Os saberes relacionados ao método, a construção de algumas tecnologias artesanais, a percepção intima dos elementos da natureza foram conhecimentos aprendidos ao longo do tempo, a partir da necessidade, da observação e da vivência com os mais velhos ou mais experientes.

Percebe-se neste processo que a forma de transmissão de conhecimentos é,

> Diferente da escola onde, na maioria das vezes, a transmissão ou troca de saberes ocorre somente no ambiente da sala de aula, na agricultura familiar, no mundo rural-ribeirinho, o repasse do saber ocorre no cotidiano, em diferentes ambientes e por diversas formas (CUIMAR, 2013, p. 71).

Nesta comparação de formas de se aprender o saber, Cuimar (2013) afirma que no espaço do mundo rural-ribeirinho o aprendizado se dar de diferentes formas, na relação com o outro. Diferente da escola formal que o aprender ocorre somente naquele espaço onde estão concentrados os alunos e professor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo apresentado se desenvolveu no Assentamento São João Batista-Ilha Campompema e teve como estratégia apreender como se dá a confecção de matapi na realidade local. Tratou-se de uma pesquisa etnográfica sobre o processo de produção do referido apetrecho por moradores ribeirinhos do lugar.

De acordo com o estudo realizado percebeu-se que produzir matapi exige certas habilidades e destreza quanto a todo processo de confecção, uma vez que são muitas etapas e cada uma delas requer dos ribeirinhos estratégias de manuseio com o saber trabalhar com a matéria-prima como um todo.

Outro detalhe importante quanto à confecção do matapi no Assentamento é que toda família trabalha na produção. Neste sentido, há uma relação de saberes que se entrecruzam no ambiente onde esse apetrecho é produzido.

O estudo demonstrou que nas práticas de produção do matapi é necessário que etapas diversas sejam cumpridas pelos ribeirinhos como: desbuchar a tala, quebrar as talas do pano, do funil e da tampa, apontar as talas do funil (cone) preparar os arcos (círculos), tecer o pano, o funil e a tampa, formar o cilindro e o funil, introduzir os arcos, fazer as conexões entre as partes do matapi (pano, funil e tampa).

O matapi, portanto, trata-se de uma armadilha que exige formas de trabalhos diversos que envolvem desde a preparação da matéria-prima, passando pelo tecimento até chegar ao momento de conexões de suas respectivas partes (pano, funil e tampa), formando-se assim o importante apetrecho de pesca.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Maria Vera Lúcia Ferreira de; SILVA, Kátia Cristina de Araújo; SILVA, Bianca Bentes; FERREIRA, Ingrid Lins da Silva, CINTRA Israel Hidenburgo Aniceto. Pesca e procedimentos de captura do Camarão-da-Amazônia a jusante de uma Usina Hidrelétrica na Amazônia Brasileira. **Biota Amazônia,** Macapá, v. 4, n. 2, p. 102-112, 2014.

CARDOSO, Maria Cristina dos Santos. **Tecendo o Matapi: uma arte de fazer no Rio Campompema.** Trabalho de Conclusão de Curso (Universidade Federal do Pará), 2018.

CUIMAR, R. M. **Saberes e Práticas Culturais de Agricultores Familiares da Amazônia Paraense e suas relações com a monocultura do Dendê.** (Dissertação de Mestrado em Educação) Universidade do Estado do Pará (UEPA-2013).

FORMIGOSA, Marcos Marques. **Um navegar pelos saberes da tradição das ilhas de Abaetetuba (PA) por meio da Etnomatemática** (Dissertação de Mestrado em Educação em Ciências e Matemáticas - UFPA), 2015.

FURTADO, Lourdes Gonçalves. **Pescadores do rio Amazonas: um estudo antropológico da pesca ribeirinha numa área amazônica.** Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1993.

MALINOWSKI, B**. Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos**

nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia. São Paulo, Abril Cultural, 1978**.**

MORAES, Sérgio Cardoso. **Saberes da pesca: uma arqueologia da tradição.** Natal, 2005. (Tese de Doutorado em Educação) Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Sociais Aplicadas. Programa d Pós-Graduação em Educação.

OLIVEIRA, R. C. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: **O trabalho do antropólogo.** 2. Ed./Roberto Cardoso de Oliveira. Brasília: Paralelo 15; São Paulo Editora UNESP, 2000.

PEREIRA, Rosenildo da Costa. Sexo, casamento e família: o cotidiano da juventude do campo de Abaetetuba/Pa. **Revista Margens**. V. 8, nº 11, 2014, p. 145-155.

_____, A Contribuição de Karl Marx para a ciência moderna e a educação. In: OLIVEIRA, I. A; PEREIRA, R. C; OLIVEIRA, W. M. M (Orgs) **Epistemologia e Educação: Teorias e práticas.** Belém, Pará, 2015.

SOUZA, D. V. S. **Currículo e Saberes Culturais das Comunidades dos Discentes Ribeirinhos do Curso de Pedagogia das Águas de Abaetetuba-Pará.** (Dissertação de Mestrado em Educação) Universidade Federal do Pará (UFPA-2011).

WALLACE, R; PEREIRA, L; PLOWDEN, C. Cipó-titica (Heteropsis spp. Kunth) In: SHANLEY et al (Orgs). **Frutíferas e Plantas Úteis na Vida Amazônica.** 2ª Ed. – Bogor, ID: Cifor, 2010.